

**DE PORTUGAL A MACAU**  
**FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS**



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

## **Ficha técnica**

**Título:** De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

**Organização:**

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

**Editor:** Universidade do Porto. Faculdade de Letras

**Ano de edição:** 2017

**ISBN:** 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS: MISCIGENAÇÃO E PRECONCEITO EM SENNA FERNANDES

Margarida Conde

Universidade de São José  
Rua de Londres, 16, Macau, China  
853 66855857 | [margarida.conde@usj.edu.mo](mailto:margarida.conde@usj.edu.mo)

**Resumo:** Vamos focar aspetos decorrentes dos descobrimentos marítimos portugueses a Oriente, nomeadamente a miscigenação de marinheiros oriundos de Portugal com mulheres dos locais onde os portugueses se estabeleceram. Analisaremos aspetos das ambiências socioculturais resultantes desta mistura ocidente/oriente retratadas por S. Fernandes. Macau foi sempre uma plataforma para a miscigenação: as personagens literárias, tendo por base a existência de figuras locais, enriquecidas pelo imaginário, movimentam-se em universos hostis, mas propiciadores de uma simbiose cultural. As vivências e ambiências do autor desenrolam os dramas motivados pelos preconceitos existentes na sociedade da época.

**Palavras-chave:** descobrimentos; miscigenação; preconceito.

**Abstract:** We will focus on aspects of the Portuguese Maritime Discoveries in the East, namely the miscegenation of sailors from Portugal with women from the places where the Portuguese had settled. We will analyse aspects of the socio-cultural ambiances resulting from the West/East portrayed by S. Fernandes. Macao has always been a platform for miscegenation: literary characters, based on the existence of local figures, enlarged by imagination, move in hostile environments, though conducive to cultural symbiosis. The author's experiences and ambiances unroll dramas motivated by prejudice.

**Keywords:** Discoveries; miscegenation; prejudice.

“Os Portugueses somos do Ocidente, / Imos buscando as terras do Oriente.”  
Canto I, estrofe 50, *Os Lusíadas*

Neste trabalho, vamos focar aspetos decorrentes dos descobrimentos marítimos portugueses a Oriente, nomeadamente a miscigenação de marinheiros oriundos de vários pontos de Portugal com mulheres dos locais onde eles se estabeleceram. As personagens fulcrais dos romances deste autor são na generalidade descendentes de terceira ou quarta geração dessas uniões. Destacamos as ambiências socioculturais e os preconceitos denotadores desta mistura ocidente / oriente.

Deus quer, o homem sonha e a obra nasce<sup>1</sup>

O sonho português da expansão marítima a Oriente é concretizado com a chegada da armada portuguesa à Índia em busca de cristãos e de especiarias, Camões o refere em *Os Lusíadas*.

E, se buscando vãs mercadorias / Que produz o aurífero Levante, / Canela, cravo, ardente especiaria / Ou droga salutífera e prestante; / Ou se queres luzente pedraria, / O rubi fino, o rígido diamante, / Daqui levarás tudo tão sobejo, / Com que faças o fim a teu desejo.<sup>2</sup>

Em 1498, os ideais renascentistas de fama e glória, esforço e valentia dão corpo a essa corrente expansionista que se consolida através da tomada de Goa e posteriormente de Malaca, pontos estratégicos para a comercialização de especiarias. Nestas paragens se estabelecem contactos comerciais e se fazem os primeiros casamentos de mercadores, marinheiros, fidalgos e sodados com mulheres locais, dado que o embarque de mulheres para Oriente só era permitido em casos muito especiais, o de algumas escravas e órfãs.

(...)a presença portuguesa no chamado “Estado da Índia”, Da África Oriental a Timor, não agrupava mulheres de proveniência europeias, à exceção de algumas escravas e órfãs. (SEABRA & MANSO, 2014).

A política da Coroa portuguesa relativa aos homens, seus súbditos, que partiam para a Ásia, era dividida em duas categorias: a dos *casados* e a dos *soldados*. Alguns dos homens embarcados iam como missionários sob o patrocínio do padroado, enquanto a grande maioria dos leigos ia como soldados. Os fidalgos e soldados que se casavam nas Índias com mulheres da terra, então convertidas ao cristianismo,

<sup>1</sup> Fernando Pessoa, “Mar Português”, *Mensagem*.

<sup>2</sup> *Os Lusíadas*, Canto II, estrofe 4.

eram geralmente autorizados a deixar o serviço real e a fixarem-se como comerciantes (Boxer 1985, 121-123).

No universo literário de Senna Fernandes, encontramos muitas famílias de apelido pomposo ou nobre que descendem de comerciantes de linhagem que tiveram a sua proveniência na Índia, vindo posteriormente a formar o núcleo relevante da comunidade macaense. São exemplos, em “Os Dores”, a família Madruga.

D. Emília Madruga (...) pertencia à aristocracia do bairro de S. Lourenço. Frisava, quando havia ocasião para isso que era aparentada com algumas casas fidalgas de Portugal, evocando genealogias complicadas que ninguém discutia... (Senna Fernandes, 2012 a, 92).

E no conto “Uma Pesca Ao Lado De Macau” de cariz biográfico, Senna Fernandes referencia a sua genealogia aristocrática:

O meu Avô Conde era um homem com defeitos e qualidades dum macaense dos tempos patriarcais. Rico e perdulário, vivia sumptuosamente, sem medir o dinheiro que esbanjava; “ Embora tivesse pruridos de fidalguia – alumiava a fachada da sua casa nos aniversários de Suas Majestades Fidelíssimas e noutras efemérides da Casa Real. (Senna Fernandes, 1997, 31).

Na segunda década depois da conquista, Goa torna-se cada vez mais portuguesa, em virtude da política régia em mandar para lá muitas esposas com os maridos; órfãs; donzelas pobres bem-nascidas para ali formarem família; e outros de espírito aventureiro iriam na esperança de um futuro melhor. Assim se desenvolveu uma sociedade multirracial e de cultura cristã na Índia portuguesa.

Após a conquista de Malaca em 1511, inicia-se a disputa pelo domínio das rotas comerciais do Índico e do mar da China. Estabelecem-se contactos com os *chineses* que viriam a formar a base do intercâmbio luso-chinês e, em pequenas embarcações, os nossos mareantes aliciados por intuitos de comércio começam a navegar o mar da China, repleto de tufões e pirataria. Depois de alguns conflitos institucionais com as autoridades chinesas, os portugueses são solicitados a mudarem-se para Macau e fixarem-se nessa terra, no ano de 1557, como prémio de terem aniquilado os piratas que molestavam o comércio, assaltando juncos, saqueando e destruindo vidas. Estas referências históricas são encontradas em *Amor e Dedinhos de Pés: “Os piratas não davam tréguas e eram de justiça sumária ou então, exigiam ruinosos resgates.”* (Senna Fernandes, 2012 a); e em “Os Dores “ *Olhavam para as colinas mais distantes, onde atrás existiam fojos de piratas e*

*ninguém podia assegurar que não aparecessem subitamente deste lado da ilha, com o isco que a embarcação oferecia”* (Senna Fernandes, 2012 b, 20).

Macau transforma-se num porto próspero devido à sua posição de navegabilidade pelos mares que o circundam e a cidade torna-se única e *sui generis* no imenso mundo português onde duas civilizações caminham lado a lado. O entrosamento entre colonos e a população oriental deu origem a um novo tipo racial que possui uma índole própria e características diferenciadas. Senna Fernandes assim o referencia:

Se é verdade que a saudade é uma constante do psiquismo português, nem por isso o colono deixa de contrapor a ela o amor à terra onde assentou arraiais, onde casou e fecundou mulher, onde os seus filhos nasceram, terra onde verteu o seu suor, a sua angústia, as suas incertezas, mas onde também colheu os louros da vitória, o rendimento compensador dos seus sacrifícios. (Senna Fernandes, 1954, 21).

Como macaense, também ele fruto de uma etnicidade luso-asiática, regista com detalhe a proveniência das personagens na sua criação literária. Por exemplo, em “*A Noite Desceu em Dezembro*”, Nuno Belmares é apresentado como descendente da 4<sup>a</sup> geração de um português oriundo de uma aldeia de Braga que se lança na aventura por terras do Oriente.

Os Belmares provinham de bisavós de origem humilde, ele reinol de uma terriola perto de Braga, aventureiro, loiro, atraído pelos requeimes das terras orientais, de nome Reinaldo Belo e ela Maria do Mar nascida em Damão, filha também de um marinheiro português e de uma natural da terra por sua vez também cruzamento de pai branco e de mãe indiana, católica. (Senna Fernandes, 2015, 12 ).

A simbiose de raças, acima referida, foi acontecendo de forma sistemática ao longo das gerações e o autor assim o referencia. Mas subjacente aos hibridismos, dentro do registo literário também se vão configurando alguns preconceitos das famílias recém-constituídas e da sociedade da época.

Dos anais contava apenas que se apaixonaram um por outro e, encontrando forte oposição da família dela, resolveram fugir. Como foi a trajectória deles até Macau e porque escolheram Macau, não se sabe. Aí se casaram, regulando a sua situação perante Deus e as leis do rei, na Igreja de Santo António. (Senna Fernandes, 2015,12).

Em rigor sociológico, os portugueses vindos de Portugal sem um nome nobiliárquico ou sem um razoável pecúlio financeiro não conseguiam aceder a matrimónios com mulheres de famílias socialmente mais elevadas e estabelecidas quer em Macau ou noutras paragens, neste caso em Goa.

Reinaldo Belo e Maria do Mar prosperam, ganham respeito e consideração entre as ilustres famílias de Macau: *“O dinheiro pode tudo, dizia-se, e isto confirmou-se no caso deles, pois depressa começaram a conviver com gente acima do nível social que tinham em Damão”* (Senna Fernandes, 2015,12), mas o impedimento de ombrear com as elites de Macau, leva-os a criar um apelido pomposo e enobrecido, resultante da junção de Belo com Mar e assim superam a discriminação em relação à origem humilde. O casal identifica-se como Reinaldo e Maria Belmares e, naqueles tempos mais fáceis, ninguém duvidou dele.

Deste ramo genealógico descende Nuno Belmares, o herói em *“A Noite Desceu em Dezembro”*, que se apaixona pela beleza asiática de Sandy, apelidada de *Second Boy*, oriunda de uma tradicional família chinesa do continente que surge em Macau, devido às conturbadas perseguições na Grande China. No enredo amoroso deste romance é expressa a rejeição aos protagonistas provindos de mundos diferentes, como resultado de preconceitos existentes nas duas sociedades paralelas de cariz patriarcal – a velha elite macaense e a elite imperial chinesa. Beatriz Bastos da Silva a este respeito acentua:

Embora recentemente os casamentos luso-chineses se tenham vulgarizado, essa prática não foi observada com a regularidade e caudal que se poderá supor. A desconfiança e xenofobia dos filhos do Celeste Império proibiu-lhes tal ligação no início (por medo à nossa fixação definitiva no Sul da China) e nunca a fomentou, embora viesse a suportá-la. (SILVA, 1993, 129).

Apesar da Guerra do Pacífico e de uma conseqüente viragem de mentalidades, sempre que os portugueses se queriam ligar oficialmente a raparigas chinesas tinham de ultrapassar sérias barreiras. Este facto histórico, observado desde o início do estabelecimento de Macau, é expresso através da opinião do narrador:

Ela era aparentemente uma filha-família. E as moças chinesas dessa categoria, não se juntavam com indivíduos fora da sua raça. O mesmo acontecia com um “filho-de-casa” macaense em relação a uma chinesa. Lé com lé, cré com cré. (Senna Fernandes, 2015, 115).

Os casamentos aconteciam comumente entre as famílias macaenses com a mesma etnia e posição social, ou excepcionalmente quando existia uma vantagem notável, como o caso de Álvaro Frontaria, em “Amor e Dedinhos de Pé”, que “trouxera da terra-china” uma noiva de dezasseis anos” de uma família abastada de Cantão, por feitos de valentia contra os piratas. *“Tanto eles como o pai, ex-grumete, participaram, sob o comando do Ouvidor Arriaga, na acção contra o pirata Cam Pou Sai ao largo da ilha de Lin Tin.”* (Senna Fernandes, 2015, 19).

O autor mais uma vez referencia, no enquadramento da personagem principal, os ancestrais: Francisco da Mota Frontaria era descendente de uma família de lorcheiros que se distinguiu no tráfico de mercadorias pelos diversos portos da China e na luta contra os piratas no último quartel do século XVIII e na primeira metade do século XIX:

O seu antepassado mais longínquo era um grumete algarvio que aportara a Macau a bordo dum brigue inglês, sabe-se lá por que artes mágicas. Dois anos de mar, isolado da sua gente e farto das brutalidades do comandante, ao escutar a língua natal naquela terra perdida na costa da China tomou uma decisão. Na noite, véspera da partida, desertou, atirando-se à água, e nadou até o areal da Praia Grande. Casou-se, depois, com uma mulher “meio goesa e meio minhota” nascida em Macau (...) (Senna Fernandes, 2015, 19).

A origem plebeia dos Frontarias é resguardada pela ostentação de faustosas receções num palácio e pela desfraldar de uma bandeira - formas de afirmação numa comunidade em que o dinheiro é o principal degrau para uma ascensão na sociedade e no poder local.

Paralelamente a estas informações sociais, Senna Fernandes dá relevância na diegese a fatores históricos como a guerra do ópio, a fundação de Hong Kong, a Revolta dos Fatiões e o assassinio do governador Ferreira do Amaral como fatores da decadência dos Frontarias. No entanto, a suposta aristocracia, simbolizada uma bandeira com um leão azul sobre um fundo vermelho, criou nos descendentes inúmeros convencionalismos que os inviabiliza de se integrarem na comunidade e viverem a realidade atual.

Agarrados a pergaminhos, exigiam deferências, consideração e empregos à altura do nome. (Senna Fernandes, 2015, 5).

Timóteo, no século XVIII, tio de Francisco Frontaria pelo lado paterno, era um dos sobreviventes dessa proveniência que manifestava atitudes discriminatórias sobre

a origem: não gostava que lhes chamassem lorcheiros, mas capitães de lorcha; nos jantares que dava, utilizava os pratos que ostentavam o leão azul; frisava que era da aristocracia, ocultando as origens humildes do grumete; doía-lhe não ser convidado para as receções do Palácio do Governo; tinha sonhado casar-se com uma menina da Praia Grande, mas ligou-se a uma mulher sem pergaminhos. (Senna Fernandes, 2015, 23, 24).

O ressentimento, a rejeição social e uma forte nostalgia sobre o áureo passado estão bem patentes no esboço psicológico de Timóteo que configura os preconceitos de uma classe arruinada devido a circunstâncias históricas.

Por oposição aos Frontarias, damos relevo em *“Os Dores”* à família Madruga que representa o estrato social de macaenses endinheirados do século XIX, com prestígio e influência: *“Apesar do seu ar fidalgo, possuía o dom de dar-se com toda a gente, desde o mais humilde até ao Governador da Colónia.”* (Senna Fernandes, 2012 a, 109). A condição de aristocrata de Sebastião Madruga, a instrução adquirida no Seminário de S. José, uma educação inglesa, adquirida em Londres, o casamento com Emília Albuquerque (aristocrata do bairro de S. Lourenço) e a residência em Xangai são denominadores comuns aos patriarcas macaenses de prestígio e que constatamos nos ascendentes do próprio escritor, o caso do seu pai e do avô conde.

Embora tivesse pruridos de fidalguia- alumiaa a fachada da sua casa nos aniversários de Suas Majestades Fidelíssimas e noutras efemérides da Casa Real -, o meu Avô era muito afável, atraía as simpatias e possuía amizades em todas as camadas sociais.”; “extremamente rico, tinha excentricidades de rico; Educado em Inglaterra, adquirira certos hábitos ingleses. (Senna Fernandes, 1997, 31-32).

A frase proferida por Emília Madruga *“Nós somos. Os outros pretendem ser ou nunca serão.”* (Senna Fernandes, 2012 a,93). evidencia que a condição de aristocrata e o fator económico são elementos que servem de base à supremacia de classes. A dicotomia entre o ser e o pretender ser revela o secular anseio das famílias modestas em se integrarem em famílias detentoras do poder. O esboço da família Policarpo consubstancia este desejo, visto que a um escrivão do tribunal ou a qualquer funcionário público em geral não lhes era permitido o acesso a festas e a receções governamentais. No desenrolar da história, o autor descreve as relações e as interações deste estrato social que tem como primordial objetivo ascender no meio da elite macaense. O convencionalismo da época sempre dava proeminência à

aristocracia, localizada na Praia Grande e em S. Lourenço, e aos mercadores enriquecidos, que residiam nos arredores de Sto. António.

Os Policarpos não pertenciam à fina flor da Praia Grande e de S. Lourenço, da chamada Primeira Sociedade, nem tinham a abastança dos mamões de Sto. António. Viviam bem e confortavelmente, com certa largueza, cozinha saborosa e trato hospitaleiro. (Senna Fernandes, 2012 a, 27).

O ensejo dos Policarpos era serem convidados dos Madrugas em receções do governador: *“No fundo, Remígio lisonjeava-se com aquela amizade, um trampolim para, mais dia, menos dia, se aproximar do grande Sebastião Madruga.”* (Senna Fernandes, 2012 a, 94). Esse privilégio é conseguido através do namoro e casamento do seu filho Floriano com Elfrida, filha dos Madrugas. E o autor esboça os interseccionismos de classes que dão forma à afirmação na sociedade e à satisfação de vaidades da chamada segunda sociedade.

D. Glafira pressurosa ofereceu a sua casa. D. Emília que não visitava ninguém, senão a “aristocracia”, acedeu condescendente, dada a urgência. Foi outra grande oportunidade para D. Glafira selar mais firmemente as relações, não só com D. Emília como também com outras senhoras importantes. (Senna Fernandes, 2012 a, 94).

De salientar que na comunidade macaense, o estatuto social denotava a ancestralidade da família com “nome”, vindo de outrora: *“O melhor curso que podes tirar é casares-te com Elfrida Madruga. (...) Os Madrugas têm um peso enorme na sociedade.”* (Senna Fernandes, 2012 a, 105).

A par da comunidade designada de macaense e provinda da miscigenação dos primeiros navegantes, mercadores ou de fidalgos, havia a metropolitana que era oriunda de Portugal e formada, em geral, por funcionários em comissão de serviço e pela tropa. Era usual nos inícios do século XX, devido a carências de oportunidade de trabalho, os jovens optarem pelo serviço militar, em comissões de serviço nas colónias portuguesas e deste modo foram ingressando na Polícia de Segurança Pública, no Exército e Função Pública de Macau (Senna Fernandes, 1954).

Salientamos em *Os Dores* o casamento de uma euro-asiática com um sargento do Exército e registamos como essa junção foi frustrante para os progenitores, porque lhes destruiu o sonho de acederem a ambientes de notabilidade.

A prima Crescência era filha de pais modestos de fortuna, mas cuidadosos. (...) Foi preparada para ser uma rapariga da sociedade. Tinha um apelido singelo, mas podia ombrear com as companheiras da mesma idade com nomes soantes no meio. (...) O casamento com o sargento do Exército desiludiu os pais. A categoria de marido impedia-o de ser sócio dos clubes da elite que eram o Clube de Macau e o Grémio Militar. (Senna Fernandes, 2012 a, 36).

Os portugueses, vindos de Portugal ou os seus descendentes, só conseguiam aceder a matrimónios com as filhas de famílias macaenses humildes ou chinesas pobres, pois nessa época os casamentos faziam-se entre famílias de igual origem. As referências a esse facto também são encontradas em “*A Noite Desceu em Dezembro*” dado que as barreiras culturais e sociais constituíam impedimentos à integração dos portugueses no seio de poderosas famílias de macaenses que se representavam como a verdadeira “gente da Terra”.

Álvaro, provinha dum plebeíssimo funcionário da Fazenda Pública, alcoólico inveterado e frequentador dos botequins da Rua do Campo e de uma mãe jogadora de má-cheoc, com uma irmã que o envergonhava, casada com um brutamontes. Tinha consciência de que, dentro da “cidade cristã”, não passava de um cachiváchi, que era o nome que se dava à gente grosseira, de baixa condição social, como ele. Que alto e atrevido pensar, diriam os censores da sociedade, se ele ousasse disputar a mão de Ana Maria. E como reagiriam os restantes Belmares? (Senna Fernandes, 2015, 122).

Entre as narrativas de ficção sobre a comunidade macaense, merece-nos um especial destaque “*A Trança Feiticeira*” por ser uma obra emblemática da miscigenação de raças e culturas e tornar perceptíveis os preconceitos intrínsecos a esse processo. O jovem Adozindo, filho único de uma abastada família macaense de Stº António, inconsciente e narcisista, é desenhado pelo autor como um protótipo dos “filhos da terra” demasiadamente protegidos pelas suas abastadas famílias.

Não se podia dizer que o pai fosse podre de rico, mas estava bem instalado na vida. Funcionário das Alfandegas Chinesas, recebera uma bolada choruda em dinheiro quando se aposentara. Prudente, colocara esse dinheiro e mais outros, de maneira a render confortavelmente. Além do mais, montara uma agência de navegação, representante de grandes companhias cargueiras, estabelecidas em Hong Kong, donde vinham lucros certos. Como um verdadeiro mamão de Stº António, cultivava a hospitalidade em sua casa e dava jantaradas de renome, da sua cozinha apurada.” (Senna Fernandes, 2012 b, 11)

O escritor atribui-lhe traços de uma marcada ancestralidade lusitana, aparentando-o com o homem minhoto com características de certa forma similares aos primeiros marinheiros.

Na infância, as suas lindas bochechas convidavam a beliscões, uma criança branquinha, os olhos esverdeados, talvez da bisavó holandesa, os cabelos acastanhados e estampa dum avô minhoto (...) Orgulhava-se do sedoso dos seus cabelos encaracolados, em ondas, do seu nariz caucásico, do redondo dos seus malares de costela chinesa, dos lábios apolíneos e da fileira magnífica dos dentes. (Senna Fernandes, 1997, 10)

No aspeto psicológico atribui-lhe um ar de marialva dos anos trinta:

Coleccionava corações, dardejando olhares fatais, o sorriso de dentes brancos e um alçar de sobrancelhas que ensaiava em casa. Estava sempre em companhia de mulheres bonitas, tinha uma lábia açucarada e dançava magnificamente. (Senna Fernandes, 1997, 11)

Na sequência dos principais acontecimentos e ações da narrativa sobre Adozindo e A-Leng - uma aguadeira chinesa que transportava a água de um poço do antigo bairro de Cheoc Chai Un para as casas das famílias macaenses -, estão salientados os muitos preconceitos existentes nos anos trinta, relativos à etnia e à diferenciação de classes tanto da comunidade portuguesa como da chinesa. O rompimento de regras impostas levou à expulsão dos protagonistas dos seus meios sociais.

A minha gente e o meu bairro não me querem. Não posso ali viver, fui expulsa e fechei a casa.; A voz do pai alteou-se, entre o coro de repulsa das mulheres: - Se o fizeres, não és mais meu filho. Vai buscar as tuas coisas e desanda daqui. Tens cinco minutos. (Senna Fernandes, 1993, 74)

O tradicional conceito de que existem raças superiores ou inferiores levou os pais de Adozindo, não obstante a ambiência predominantemente católica, como era usual entre as primeiras famílias macaenses, a rejeitarem o filho, no intuito de preservarem o seu estatuto que os diferenciava face aos padrões sociais e morais existentes na comunidade macaense. Ao ser expulso da casa paterna, Adozindo vê fecharem-se-lhe outras portas da sociedade, representadas na atitude de Florêncio, o amigo, que olha com desdém A-Leng e o mundo que ela representa: “- *Esta foi, afinal, a chinela que escolheste para o teu pé? Depois de tanta seleção, rejeitando esta e aquela?*” (Senna Fernandes, 1993, 77)

Mas os preconceitos e as barreiras culturais são ultrapassados, para dar lugar a uma miscigenação plena, bem explícita na seguinte passagem: “- *Estamos outra vez juntos. Ensina-me como viver contigo e eu ensinar-te-ei como viver comigo.*” (Senna Fernandes, 1993, 109)

### **Conclusão**

Da miscigenação dos primeiros navegadores com mulheres dos vários locais por onde passaram, adveio uma dualidade étnica da qual Senna Fernandes descende e sobre a qual organiza a produção literária de novos desenvolvimentos familiares, o caso de Nuno Belmares, Francisco Frontaria, Floriano Policarpo e Adozindo.

Na escrita do autor, Macau é assumida como uma terra que foi propícia à mistura étnica, espaço de acolhimento a marinheiros, comerciantes ou foragidos que enriqueceram e cujo facto constitui um forte indício para o surgimento de preconceitos e complexos de classe.

Salientamos que as vivências das famílias ficcionadas, por Senna Fernandes, situam-se nas décadas de 30 e 40 do século XX e correspondem à juventude e aos anos de conflitos mundiais que afetaram a vida do autor: “*A guerra findara, os mares abriam-se livres e eu ia concretizar o sonho na universidade.*” (Senna Fernandes, 1993, 179)

### **Bibliografia:**

- Fernandes, Henrique de Senna. 2012. *Os Dores*. 1ª ed., Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau.
- Fernandes, Henrique de Senna. 1993. *A Trança Feiticeira*. 1ª ed., Macau: Fundação Oriente.
- Fernandes, Henrique de Senna. 2012. 1ª ed., *Amor e Dedinhos de Pé*. 5ª ed., Macau: Fundação Oriente.
- Fernandes, Henrique de Senna. 1997. 1ª ed., *Nam Van*. Macau: Instituto Cultural.
- Fernandes, Henrique de Senna. 2015. *A Noite Desceu em Dezembro*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Fernandes, Henrique de Senna. 1954. *Macau, a desconhecida. Monografia*. Lisboa: Sociedade de Geografia.
- Boxer, Charles. 1985. *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Lemos, Lúcia & Jingming, Yao. 2004. *O Olhar de Senna Fernandes: Fragmentos*. Instituto Internacional de Macau & Fundação Jorge Álvares.
- Seabra, Leonor Diaz de & Manso, Maria de Deus Beites. 2014. *Escravidão, concubinação em Macau: séculos XVI-XVIII*, Afro-Ásia (online).
- Silva, Beatriz Basto da. 1993. *Estudos de Macau*. Fundação Macau e Universidade de Macau.